



Resumo de: Melissa Vieira
de Lucena

O início da literatura portuguesa começa na idade média e o início da literatura brasileira começa no período barroco.

Arquétipo: um modelo que pode ser preenchido por várias histórias diferentes mas que sempre vai trazer as mesmas relações

Periodização

● divisão da literatura em períodos

1. Antiguidade Clássica: antropocentrismo, mitologia (deuses do Olimpo), paganismo
 2. Idade Média: teocentrismo (deus, cristianismo), literatura (poesia - cantigas de amor, (homem falando do amor dentro da corte), amigo (mulher falando do amor fora da corte, nos vilarejos), escárnio, maldizer; prosa - novelas de cavalaria; valorização do conteúdo
 3. Renascimento: antropocentrismo, humanismo, ciência, retorno aos valores clássicos, época das grandes navegações
 4. Barroco: tentativa de fundir o antropocentrismo com o teocentrismo, o que gerou uma angústia e um desequilíbrio
 5. Arcadismo/Neoclassicismo: retoma o renascimento que retoma a antiguidade clássica, simplicidade, razão, natureza, objetividade, valorização da forma
 6. Realismo
 7. Simbolismo
 - 7.Simbolismo
 - 8.Pré-Modernismo: ruptura na modernidade
 - 9.Modernismo
- Lógica é o que dá sentido. O ser humano não precisa de verdade pra existir e sim do sentido.

Catarse Literária

A catarse (experiência emocional que se pode ter a partir da arte) é um contexto aristotélico.

Foi Aristóteles quem criou este termo.

1º Bimestre

1 - Conceitos de Literatura

- O que é a literatura?

A literatura é a arte que usa como instrumento a palavra.

A palavra é um símbolo, portanto tem dois sentidos (o significante e o significado).

Significado - sentido convencional, cultural

Significante - som, construção da palavra

A literatura pode ser

- Imitação da realidade
- Manifestação artística
- Palavra como matéria-prima
- Manifestação da expressividade humana

LITERATURA É A ARTE DA LINGUAGEM ESCRITA, QUE EXPLORA TODAS AS POTENCIALIDADES DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO E É CAPAZ DE TRANSPOR LIMITES DE TEMPO E ESPAÇO.

Alguns conceitos/definições de literatura:

- Leconte de Lisle: Literatura é arte e só pode ser encarada como arte. É a arte pela arte.
- Hypolite Taine: A Literatura obedece a leis inflexíveis; a da herança, a do meio, a do momento.
- Louis Bonald: A Literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do Homem.
- Ezra Pound: Literatura é a linguagem carregada de significado. Grande Literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível.
- Tristan Tzara: Literatura é nada.

- Afrânio Coutinho: A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade.
- Massaud Moisés: Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal. Ou, mais sucintamente: Literatura é ficção.
- Octávio Paz: A Literatura é uma atividade solitária para os solitários.
- Ely Vieitez Lanes: A Literatura é o retrato da alma humana; é a presença do espírito na carne.
- Alceu Amoroso Lima: A Literatura é a expressão do homem e da vida. É o homem de certo modo convertido numa obra. Nela o interessante não é o que se exprime, mas como se exprime. O como tem aí sua importância fulminante.

● A Arte da Literatura e as suas Funções

- Função: papel que a literatura desempenha nas sociedades.
- A Literatura nos faz sonhar (função evasiva): Os textos nos permitem “viver” outras vidas, sentir outras emoções. Nesse sentido, a literatura nos oferece um descanso dos problemas cotidianos.
- A Literatura provoca nossa reflexão: A Literatura não tem o poder de modificar a realidade, mas certamente é capaz de fazer com que as pessoas reavaliem a própria vida e mudem de comportamento. A Literatura pode também responder, por meio de construção
- A Literatura diverte (função lúdica): Os leitores que embarcam nas aventuras propostas pelos livros sabem que, aconteça o que acontecer, terão sempre consigo a memória das emoções sentidas em cada uma de suas jornadas literárias.

- A Literatura nos ajuda a construir nossa identidade: Os leitores são tomados pelas experiências de leituras que, muitas vezes, evocam vivências pessoais e nos ajudam a refletir sobre nossa identidade individual e também a construí-la.
- A Literatura nos ensina a viver: Como toda manifestação artística, a literatura acompanha a trajetória humana e, por meio de palavras, constrói mundos familiares, em que pessoas semelhantes a nós vivem problemas idênticos aos nossos. Por meio da convivência com poemas e histórias que traçam tantos e diversos destinos, a literatura acaba por nos oferecer possibilidades de resposta a indagações comuns a todos os seres humanos.
- A Literatura denuncia a realidade (função de literatura engajada): A leitura de algumas obras, mesmo que vivamos em uma sociedade democrática e livre, nos ensina a valorizar nossos direitos individuais, nos ajuda a desenvolver uma melhor consciência política e social. Em resumo, permite que olhemos para a nossa história e, conhecendo algumas de suas passagens mais aterradoras, busquemos construir um futuro melhor.
- Função de “Arte pela arte”: descompromissada das lutas sociais (Parnasianismo) lutas sociais (Parnasianismo);

❖ Função evasiva – fuga da realidade;

❖ Função lúdica – jogo de experiências sonoras e de relações surpreendentes;

❖ Função de “Arte pela arte” – descompromissada das lutas sociais (Parnasianismo);

❖ Função de literatura “engajada” – comprometida com a defesa de certas ideias políticas.

O “pacto com o leitor” - o pacto entre leitor e texto é produzido para que a literatura tenha liberdade ficcional. Embora se saiba que os acontecimentos narrados não são reais, admite-se que, se o mundo tivesse aquelas características apresentadas no texto, este poderia ser real. Por isso, dizemos que o texto é verossímil, quer dizer, não é verdadeiro, mas parece verdadeiro.

Por que é tão difícil definir a arte?

Em virtude de sua relação direta com a conjuntura histórica e cultura que a fazem surgir. A arte está ligada à estética. Afrânio Coutinho diz que a arte está relacionada à ação de causar prazer estético em seu destinatário. Para ele, se o objetivo é informar, aconselhar, discutir etc não é arte.

Realidade é tudo aquilo que existe no mundo conhecido, que identificamos como concreto ou que reconhecemos como verdadeiro.

A ficção, por sua vez, relaciona-se à criação, à invenção, à fantasia, ao imaginário. Nesse sentido, a ficção promove a construção de uma realidade para atender a um objetivo específico (reflexão, encanto, crítica, diversão). Os mundos ficcionais podem corresponder à realidade como a conhecemos, ou propor novas realidades, inteiramente imaginadas.

- Sêneca: Toda arte é imitação da natureza.
- Oscar Wilde: A arte começa onde a imitação acaba.

A Arte Para Platão

Na visão de Platão, a arte era uma “mimesis” da natureza e, por isso, imperfeita e deturpada.

Para Platão, o real é uma ilusão do ideal. Em sua opinião, há de existir um “mundo das ideias” (mundo inteligível), de onde vieram nossos pensamentos de justiça, verdade, bem e mal, e ideias gerais sobre as formas dos objetos (cadeiras, carros, mesas, etc). É desse mesmo mundo que ele acredita que vêm as nossas almas. Oposto ao Mundo das Ideias

está o Mundo Sensível (Mundo da Matéria). Neste mundo residem os objetos que temos acesso, porém estes são cópias imperfeitas captadas pelos sentidos. Desta forma, qualquer representação das ideias ou da beleza são apenas imitações (mimesis) das coisas sensíveis e não das verdadeiras ideias. Assim, a arte é uma imitação inferior da perfeição das ideias, sendo considerada como uma mera ilusão para os sentidos.

Ele acredita que a realidade não é verdadeira, pois é transitória. A única coisa que permanece é a nossa essência, nossa alma. Oposto ao Mundo das Ideias está o Mundo Sensível (Mundo da Matéria). Neste mundo residem os objetos que temos acesso, porém estes são cópias imperfeitas captadas pelos sentidos. Desta forma, qualquer representação das ideias ou da beleza são apenas imitações (mimesis) das coisas sensíveis e não das verdadeiras ideias. Assim, a arte é uma imitação inferior da perfeição das ideias, sendo considerada como uma mera ilusão para os sentidos. Como ele acredita que o real é uma ilusão e a arte é uma cópia da realidade, é como se fosse uma ilusão da ilusão, o que ele acredita distorcer mais ainda a verdade que buscamos. A mimesis platônica diz que a arte é uma desilusão da realidade, sendo que a realidade já é uma desilusão da verdade.

Para Platão, a obra do artista é cópia de coisas fenomênicas, um exemplo particular e, por isso, algo inadequado e inferior, tanto em relação aos objetos representados quanto às ideias universais que os pressupõem.

A Arte Para Aristóteles

Já para Aristóteles, a arte era a criação aquilo que faltava à natureza, em suas diversas manifestações: música, poesia, teatro, arquitetura, escultura, oratória etc.

Na visão de Aristóteles, a arte complementa a nossa realidade na ajuda da compreensão da verdade.

Aristóteles diz que a arte era a criação daquilo que faltava à natureza, em suas diversas manifestações: música, poesia, teatro, arquitetura, escultura, oratória. A realidade seria uma construção feita a partir da junção do Homem ao mundo.

A arte é uma imitação de coisas possíveis que não tem realidade, mas podem vir a ter. A mimesis é algo natural dos seres humanos, como forma de invenção da realidade.

Portanto, a arte representa possibilidade de compreensão e conhecimento da realidade, servindo também como aprimoramento do ser humano na busca de sua realização moral.

Nas palavras do filósofo, é uma “catarse” que por meio da educação dos sentidos conduz o ser humano ao equilíbrio.

A Arte Para Platão e Aristóteles

“Arte é mimese (imitação). A literatura é a arte que imita a palavra.”

Portanto, ambos viam a arte a partir do viés da imitação da natureza, porém o primeiro de acordo com uma posição negativa e o segundo de acordo com uma posição positiva.

O Belo

Durante muito tempo, a arte foi entendida como a representação do belo. Na Antiguidade, por exemplo, o belo estava condicionado ao conceito de harmonia e proporção entre as formas. Por esse motivo, o ideal de beleza entre os gregos ganha forma na representação de seres humanos, vistos como modelo de perfeição.

Do século XX em diante, diferentes formas de conceber o significado e o modo do fazer artístico impuseram novas reflexões ao campo da arte. Desde então, ela deixa de ser apenas a representação do belo e passa a expressar também o movimento, a luz ou a interpretação geométrica das formas existentes. Por tudo isso, a arte pode ser entendida como a permanente recriação de uma linguagem.

O belo tem somente um tipo; o feio tem mil. É que o belo não pé senão a forma

considerada na sua mais simples relação, na sua mais absoluta simetria, na sua mais

Íntima harmonia com a nossa organização. Portanto, oferece-nos sempre um conjunto completo, mas restrito como nós.

O Feio

O que chamamos o feio, ao contrário, é um pormenor de um grande conjunto que nos escapa, e que se harmoniza, não com o homem, mas com toda a criação. É por isso que ele nos apresenta, sem cessar, aspectos novos, mas incompletos.

Nas modernas histórias de super-heróis do cinema, o feio está presente.

O feio está intimamente aliado ao belo na literatura, exemplo disso é o conto A Bela e A Fera.

O feio está presente no palco, nas peças de Shakespeare.

O feio trata da dimensão grotesca e disforme da natureza, como por exemplo, as gárgulas das catedrais francesas.

O feio foi negligenciado na Idade Média.

O belo, sendo exposição quase redundante da forma, garante a redução de um conteúdo com interferência mínima do imperfeito. O belo ajuntado em uma pintura sublime é a consagração de um formalismo absolutamente adequado para a matéria, porém, esta consagração é efetivada por mãos precisamente profanas. Se o belo é aquilo exatamente adequado, então o feio é aquilo imprecisamente inadequado. O feio é o desconcerto, é aquilo que recupera a necessidade de olhar mais uma vez e tentar uma nova perspectiva.

O feio reformula o belo. O feio é a profanidade da obra de arte que exige a reposição do homem perante sua experiência no mundo e a recriação da experiência como tentativa de alcançar novamente algo sublime.

A Estética

Kant definiu a Estética como sendo ciência. E completando, Alexander Brumgarten a definiu como sendo a teoria do belo e das suas manifestações através da arte. Como ciência e teoria do belo, a Estética pretende alcançar um tipo específico de conhecimento

que é aquele captado pelos sentidos. O gosto e a beleza dependem da forma como o sujeito, mediante os sentidos, percebe os objetos.

A experiência estética exige não somente uma experiência sensorial, mas também uma ação do intelecto. Nesse sentido, estética exige tanto o sentir quanto o pensar humano, tal como afirma a alternativa.

O texto afirma que o Sublime corresponde àquilo “que produz a mais forte emoção que o espírito é capaz de sentir”, ou seja, corresponde a algo que ultrapassa a nossa sensibilidade. Isso acaba por levar a nossa natureza sensível a perceber seus próprios limites e não é por acaso que o prazer estético do Sublime tem se tornado tão desejado a partir do século XVIII. No curso dos séculos, reconheceu-se a existência de coisas belas e agradáveis e de coisas ou fenômenos terríveis, apavorantes e dolorosos. No século XVIII, o universo do prazer estético divide-se em duas províncias, a do Belo e a do Sublime. Tudo aquilo que pode espertar ideias de dor e perigo é uma fonte de Sublime, ou seja, tudo aquilo que produz a mais forte emoção que o espírito é capaz de sentir. Mas o terror só é deleitável quando há um distanciamento da coisa que faz medo, donde, uma espécie de desinteresse em relação à ela. Dor e terror são causa de Sublime se não são realmente nocivos.

2 - Gêneros Literários

Nosso interesse está na literatura dita “canonizada” (conjunto de obras escritas e aceitas como artisticamente valiosas e representativas de nossa herança cultural).

Ex: “Dom Casmurro” - Machado de Assis, “Vidas Secas” - Graciliano Ramos, “A Hora da Estrela” - Clarice Lispector

Um texto literário possui: ênfase na expressão, linguagem conotativa, linguagem mais pessoal e emotiva, recriação da realidade e ambiguidade.

Um texto não-literário possui: ênfase no conteúdo, linguagem denotativa, linguagem mais impessoal, realidade apenas traduzida, normalmente não tem ambiguidade ou duplas interpretações.

Quanto à disposição gráfica, o texto pode apresentar-se em prosa (linhas “corridas”) ou em verso (como a poesia, por exemplo). Os estilos únicos é um estilo determinado de um escrito, com o seu próprio modos de criação literária. O estilo de época pode ser percebido quando textos escritos por autores diferentes porém em um mesmo período de tempo possuem características parecidas.

Os gêneros literários são divididos em conjuntos de elementos semânticos, estilísticos e formais utilizados pelos autores em suas obras, para caracterizá-las de acordo com a sua visão da realidade e o público a que se destinam.

Tem 4 gêneros: o lírico, o épico, o dramático (todos aristotélicos) e o narrativo (pós aristotélico).

- Lírico: sentimental, poético
- Dramático: teatro
- Épico: narrativo (em verso)
- Romance: narrativo (em prosa)

A divisão tradicional dos três primeiros gêneros originou-se na Grécia Clássica, com Aristóteles, quando a poesia era a forma predominante de literatura.

No final da Idade Média, começaram a surgir alguns gêneros narrativos em prosa, como o romance e a novela, que passaram a ganhar mais prestígio no final do século XVI.

De modo geral, pode-se dizer que os gêneros narrativos modernos (romance, novela, conto, crônica, roteiro etc) são da família do gênero épico, pois se presta a contar uma história ficcional.

Conto: texto breve com poucas personagens

Novela: tem um enredo principal e outras histórias orbitando em torno dela

Romance: um enredo principal e outras histórias porém todas elas são conectadas entre si

Ocorrência do Gênero LÍRICO

“Lírico” vem de “lira” - instrumento musical que acompanhava o canto dos gregos (por muito tempo as poesias eram cantadas) (a música e a poesia eram uma só)

Dá-se quando alguém nos passa uma emoção, um estado. Centra-se no mundo interior do Poeta apresentando forte carga subjetiva. A subjetividade surge, assim, como característica marcante do lírico. O Poeta posiciona-se em face dos “mistérios da vida”.

É a manifestação literária em que predominam os aspectos subjetivos do autor. É, em geral, a maneira do autor falar consigo mesmo ou com um interlocutor em particular. Não confundir “eu-lírico” com o autor. O “eu-lírico” ou “eu-poético” é uma espécie de personalidade poética criada pelo autor que dá a vazão a sensações e/ou impressões.

Recursos Poéticos

- Ritmo: alternância entre acentos e pausas
- Metro: contagem de sílabas poéticas de um verso
- Rima: semelhança de sons no final, no meio ou no início do verso

Aspectos Estruturais da Poesia/Versificação - regras da forma poética

- Verso
- Estrofe: monóstico, dístico, terceto, quarteto, quinteto, sexteto/sextilha, septilha, oitava, novena, décima (> 10 versos = irregulares)
- Metrificação redondilha menor (5 sílabas), redondilha maior (7 sílabas), decassílabo (10 sílabas), dodecassílabo ou alexandrino (12 versos); (> 12 ou tudo diferente = versos

livres). Na contagem de sílabas métricas (escansão), observam-se, geralmente, as seguintes normas:

A leitura de um verso deve ser caracterizada pelo ritmo.

Faz-se a contagem de sílabas até a sílaba tônica da última palavra.

Acomodar as sílabas seguindo a entonação. (Elisão: supressão de sons, sinalefa: acomodação de vários sons a uma única sílaba métrica).

Os ditongos, em geral, equivalem a apenas uma sílaba métrica

Normalmente, quando uma palavra termina em vogal e a outra começa por vogal, unem-se esses fonemas numa única sílaba métrica.

- Rimas: pobres (palavras que rimam pertencem à mesma classe gramatical), ricas (palavras que rimam pertencem a classes gramaticais distintas), raras (palavras de pouca rima, difíceis de encontrar) e preciosas (formada por artifícios gramaticais ou junção de palavras)
- Disposição das rimas: paralelas (AABB), intercaladas (ABBA), alternadas (ABAB), rima interna ou encadeada, misturadas (que apresentam outras combinações e posições na estrofes sem esquemas fixos), versos brancos (sem rima).

Quanto à sonoridade, as rimas podem ser:

- Agudas (palavras oxítonas)
- Graves (palavras paroxítonas)
- Esdrúxulas (palavras proparoxítonas)

A poesia lírica surge como uma forma de atender ao ensino humano de expressão individual e subjetiva. Ela se define pela expressão de sentimentos e emoções pessoais.

Outra marca característica de sua estrutura é o fato de dar voz a um sujeito lírico, diferente da narração impessoal própria da épica.

Estruturas utilizadas na composição de poemas:

- Elegia: trata de acontecimentos tristes, muitas vezes enfocando a morte de um ente querido ou de alguma personalidade pública;
- Écloga: poema pastoril que retrata a vida bucólica dos pastores, em um ambiente campestre.
- Ode: exalta valores nobres, caracterizando-se pelo tom de louvação.
- Soneto: poema de 14 versos, organizado em dois quartetos e dois tercetos. As duas primeiras estrofes apresentam o desenvolvimento do tema e as duas últimas, sua conclusão. Essa estrutura revela forte influência do Renascimento, pois a literatura dessa época é marcada pelo desejo de solucionar o embate entre razão e emoção. A forma do soneto ilustra uma tentativa de conciliar essas duas manifestações humanas aparentemente tão conflitantes, porque procura submeter os sentimentos humanos a uma exposição mais lógica ou racional.

Tudo que sair das regras, como os versos livres, brancos e misturados, (poesia que quebra o ritmo, poesia sem rima, estrofe com mais de 10 versos) surgiu a partir do Modernismo.

Obs: tudo que envolve teoria serve para um texto de qualquer época (regras atemporais)

3 - A Narrativa Literária

Narrar é contar fatos que ocorrem com personagens em um espaço seguindo uma linha de tempo. O narrador conta fatos RELEVANTES, que leva a algo fora do normal, fazendo surgir o conflito.

Lógica do Enredo e Foco Narrativo

A lógica de um texto é aquilo que dá SENTIDO. Não precisa ser uma verdade, somente algo que faça sentido e seja coerente com a realidade do texto.

Todo enredo obedece a seguinte lógica:

- Apresentação: situação inicial, é a normalidade das personagens no tempo e espaço.

- **Complicação:** surge um acontecimento que modifica a situação inicial, fazendo surgir um conflito.
- **Clímax:** a narrativa chega a seu ponto de maior tensão.
- **Desfecho:** o conflito é solucionado, é a consequência do fato.

O relato é responsabilidade do senhor narrador. Sua narrativa pode ser linear e seguir a ordem do enredo ou ser não linear e não respeitar a ordem (ficar alternando em presente, passado e futuro).

Obs: o narrador e o autor não são a mesma pessoa. O autor existe fisicamente, ele criou a história e o narrador. O narrador só conta a história.

Para contar a história, o narrador pode assumir duas posições:

- **3ª Pessoa:** não participa da matéria narrada, mas conta o que aconteceu com as personagens. Pode ser dividido em observador (só narra aquilo que é possível observar e assumir) e onisciente (sabe TUDO).
- **1ª Pessoa:** participa da matéria narrada pois É uma das personagens.

A Tessitura Narrativa - a narrativa deve tentar elucidar os acontecimentos, respondendo perguntas essenciais:

- O quê? - os fatos que determinam a história
- Quem? - a personagem ou personagens
- Como? - o enredo, o modo como se tecem os fatos
- Onde? - o lugar ou lugares da ocorrência
- Quando? - os momentos em que se passam os fatos
- Por quê? - a causa do acontecimento

Lógica - toda ação obedece etapas lógicas que se pressupõem:

- Manipulação: é o querer ou o dever fazer. Alguém ou alguma situação induz o agente a fazer alguma coisa (MOTIVAÇÃO).
- Competência: é o poder/saber fazer. O autor da ação adquire a vontade e a possibilidade de fazer.
- Performance: é a ação propriamente dita.
- Sanção: recompensa ou castigo que o agente recebe por ter realizado a ação.

4 - A Catarse Literária

A catarse é um conceito presente em diferentes áreas do conhecimento. Trata-se de um processo de purificação (termo grego “kátharsis”) emocional e liberação de sentimentos reprimidos, que promove uma sensação de alívio e renovação interior. Ela descreve a experiência de se livrar de emoções negativas e intensas através de uma representação artística ou de uma experiência emocional intensa. A catarse também se caracteriza por gerar uma reflexão sobre aspectos da vida e da condição humana.

- Compreender a catarse ajuda na: análise e interpretação de obras literárias e cinematográficas; compreender os impactos de tais obras na experiência humana Um momento catártico, na perspectiva religiosa, é considerado aquele que o fiel tem aproximação com Deus, se libertando dos pecados e confirmando sua crença com o divino. Na arte e literatura, um momento catártico é aquele em que o observador ou o leitor são tomados pela demasiada emoção, felicidade e reflexão em contato com a obra ou ao se identificar e empatizar com os sentimentos e emoções das personagens representadas.
- Catarse (na literatura) identificação com a personagem, liberando emoções reprimidas.
- Catarse (no teatro): o público é convidado a vivenciar as emoções das personagens e refletir sobre a sua condição humana graças a representação e situações dramáticas

Aristóteles e a Catarse:

- catarse = purificação das almas
- Liberação das emocionais estimulada pelas representações teatrais
- A arte é o caminho da purificação

A Catarse no Desenvolvimento Pessoal

A catarse permite a expressão e liberação de emoções, o que contribui para a saúde mental e o bem-estar emocional. Além disso, a catarse também pode fornecer insights sobre nós mesmos.

Periodização



